

A experiência do risco no Alpinismo

Ana Pereira¹ e Maria Felix²

Introdução

O alpinista permanece, dentro do nosso imaginário, como uma das figuras de aventureiro da nossa sociedade, pois os caminhos que tem que percorrer nas suas conquistas são recheados de emboscadas e obstáculos naturais (De Léséleuc, 1998). De facto, os alpinistas encontram-se em situação de risco quando partem numa expedição cujo objectivo seja o de realizar uma actividade em elevada altitude ou uma actividade classificada com elevado grau de dificuldade. Muito frequentemente, o alpinismo é percebido como um jogo que coloca em evidência um lugar de existência entre o prazer e a vertigem (De Léséleuc, 1997), sendo, talvez, esta a razão pela qual é apontada como uma das actividades físicas que maior risco envolve (Natalier, 2001). Quando o objectivo é conquistar os cumes mais altos ou mais difíceis, como por exemplo o do Evereste ou as Torres del Paine, as condições aí encontradas, mesmo após aclimação, são tão adversas, devido às condições de hipoxia, às reduzidas temperaturas e aos incidentes imponderados, que mesmo os alpinistas aclimatados e mais experientes podem chegar aos limites de sobrevivência (Hornbein, 1996).

Por ser uma actividade de lazer que encerra em si um elevado risco durante a sua prática, o alpinismo, corresponde ao que Stranger (1999) considera ser uma das características emergentes do lazer na sociedade contemporânea. Neste sentido, vem ao encontro daquilo que Giddens (1994) estabelece como sendo uma tendência decorrente da própria sociedade actual, uma sociedade de incerteza com uma cultura de risco, sendo este um conceito que o mesmo autor considera de fundamental para o modo como a sociedade se organiza. A adopção activa de certos tipos de risco é, de acordo com Giddens (1994), uma parte importante do clima de risco. O mesmo autor refere ainda que certos aspectos ou tipos de risco, nos quais incluímos os riscos subjacentes à prática do alpinismo, podem ser valorizados em si mesmos.

O estudo

Este trabalho explora a concepção de risco dos alpinistas e a sua necessidade pelo mesmo, considerando se a actividade se desenvolve, ou não, no desejo de risco como auto-expressão e como forma de tornar as suas vidas distintas, sob a perspectiva do conceito de distinção (Bourdieu, 1980). O conceito de risco será limitado ao modo como é percebido individualmente e enquanto tomado de modo voluntário, dado que é um elemento constitutivo da escalada e do alpinismo (Williams e Donnelly, 1985). O objectivo deste estudo é compreender o modo como os alpinistas percebem os riscos inerentes à sua prática através das suas experiências subjectivas e perceber se os alpinistas tomam o risco conscientemente e porquê. Foram efectuadas entrevistas semi-estruturadas (Ghiglione e Matalon, 1993) a 20 alpinistas, 15 portugueses e 5 espanhóis residentes na Província da Catalunha, com idades compreendidas entre os 25 e os 43 anos. Dos entrevistados, 5 estiveram no Evereste e apenas um não esteve acima dos 4000m. As entrevistas, depois de escutadas e transcritas integralmente, foram sujeitas à técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977; Vala, 1986), emergindo para a discussão as seguintes categorias relacionadas com o risco, estabelecidas *a posteriori* (Vala, 1986): concepção de risco; percepção e controlo do risco; risco como desafio; prazer pelo risco e integridade física e risco.

Concepção de risco no alpinismo

¹ Gabinete de Sociologia do Desporto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física – U.P.

² Departamento de Educação Física e Desporto, Instituto Superior da Maia

Num cenário que pode ser extremamente hostil, tal como o que envolve a prática do alpinismo, existem pelo menos três ordens de factores que conferem risco à actividade, designadamente, os factores inerentes ao meio, as características das actividades e o próprio sujeito, enquanto elemento activo (Fuster i Matute, 1988). Os alpinistas deste estudo referem-se aos factores inerentes ao meio como sendo riscos objectivos, i.e., aqueles riscos que são incontrolláveis, tais como “os desprendimentos de pedras que podem estar sempre a acontecer”(#7), ou “a falta de oxigénio, a diferente pressão atmosférica e o frio”(#11). Os riscos relacionados com o indivíduo enquanto elemento activo são compreendidos como subjectivos, uma vez que “há uma série de conceitos e conhecimentos que a pessoa tem, são os chamados perigos subjectivos, face à análise desse conjunto de factores, decidimos!”(#12).

Percepção do risco

No alpinismo existe uma percepção do risco, porque este é real. Praticar alpinismo é como um jogo com a própria vida (De Léséleuc, 1997). Como bem expressa um alpinista, “no alpinismo perder pode-se escrever com maiúsculas!”(#5). Existe uma concordância generalizada entre os alpinistas quanto ao facto de que esta é “uma actividade de risco, com risco real”(#4), demonstrando uma perfeita consciência quanto à concreta existência do mesmo, já que “a partir do momento em que calço os *crampons*, eu sei que vou encontrar risco”(#1). Para além disso, consideram que “o risco está inerente”(#6), sendo muitas vezes vivido como positivo, quase como um tempero para melhor apreciar a actividade (Breivik, 1996). Na realidade, seria inconcebível viver uma aventura sem o estímulo do risco, na medida em que representa o triunfo face aos outros (Le Breton, 2000). É de aceitar que os alpinistas percebam o risco como algo fundamental na sua vida, dado que no seu quotidiano não podem viver situações tão “excitantes”. Assim sendo, pensamos que a procura de risco pode ser explicada através do conceito de excitação discutido por Elias e Dunning (1992). Quando nos detemos perante mudanças sociais e culturais da sociedade contemporânea, verificamos que o lazer é cada vez mais compreendido como uma forma de auto-realização e auto-desenvolvimento. O alpinismo configura-se, igualmente, como uma actividade que representa uma tentativa para alcançar uma certa liberdade das forças externas compulsivas do ambiente físico e cultural de cada um (Kiewa, 2002). Facto que é corroborado por Williams e Donnelly (1985) ao sugerirem que através do alpinismo as pessoas parecem motivadas para procurar lugares nos quais possam escapar das circunstâncias sufocantes produzidas na sociedade, procurando, então, ambientes naturais como a montanha.

Controlo do risco

Lyng (1990) propõe o conceito de “*edgework*” para classificar o risco tomado de forma voluntária, estabelecendo como categorias, as qualidades individuais e as capacidades relevantes para a experiência de “*edgework*”. Acima de tudo são características de natureza cognitiva, uma forma especial de controlo mental. Similarmente, os participantes deste estudo enfatizam a questão do controlo mental, considerando a disciplina fundamental para conseguirem atingir os seus objectivos. “Em altitude, o alpinismo é 80% psicológico e 20% físico. (...) A disciplina, muita disciplina... há que manter uma passada, não para, mesmo que a propensão seja parar para descansar...”(#8); “Se a mente falha... o corpo pode estar em forma, mas a força vai-se! Múltiplas situações limites controlam-se com a cabeça!”(#12).

Quando o alpinista menciona que está a sempre a superar-se a si próprio, revela um desejo por situações que envolvam mais esforço na sua performance. Não apenas controlando o risco, mas também ultrapassando todos os obstáculos, o que lhe proporciona algumas sensações, nomeadamente, “uma sensação muito forte de adrenalina”(#6). Existe, igualmente, uma “tendência para seguir pela via mais complexa”(#19), até porque “se eu já faço um 8 B com corda, agora quero é experimentar um 8 A sem corda”(#5). Contudo, esta emoção ou o prazer subjacente nem sempre se revela explicitamente como sendo uma

procura de algo mais arriscado por parte dos alpinistas, na medida em que estes consideram apenas que “é o desafio da superação... por acaso nunca pensei em termos de risco”(#20). Para além disso, embora possam procurar activamente por situações de risco, não parecem fazê-lo pelo «gozo» dos resultantes sentimentos de receio, procuram, sim, controlar essa sensação (Slanger e Rudestam, 1997). O que de facto parecem apreciar é a exaltação que se segue ao controlo de uma situação, à partida incontável (Kiewa, 2001). Assim sendo, a maior satisfação ou sentimento de competência resulta do facto de se ser capaz de controlar o, aparentemente, incontável.

O risco como desafio e prazer

Em determinadas actividades como o alpinismo, o cenário invoca situações de risco que não são evitadas e que podem providenciar uma situação na qual a fatalidade é quase criada activamente (Giddens, 1994). Como «confessa» um alpinista: “... se não houvesse risco, ou pelo menos um bocadinho de risco...”(#3). São vários os autores (Williams e Donnelly, 1985; De Léséleuc, 1997) que afirmam que os praticantes não fariam esta actividade se não houvesse risco. De facto, Elias e Dunning (1992) referem-se ao risco como sendo essencial para inúmeras actividades de lazer, constituindo-se, para além disso e frequentemente, como parte do prazer. Porém, mesmo que o risco seja percebido como necessário, não significa que se queira a sua materialização (De Léséleuc, 1997), significa, sim, um desejo de ultrapassar o que quer que possa suceder. Esta relação entre o perigo e a superação de dificuldades, promove sensações de prazer (*idem*). Consequentemente, poderá dizer-se que o risco assumido voluntariamente está estreitamente relacionado com o risco assumido como prazer (Heimer, 1988), caso contrário, se o risco fosse sentido como perigo e não como desafio, a atitude mais comum seria a de o evitar.

O facto de se aceitar o risco nesta actividade pode estar relacionado com o significado pessoal e com a necessidade de risco subjectivo (Fuster i Matute, 1988), uma vez que vivemos numa sociedade onde se procura tornar tudo cada vez mais seguro (Le Breton, 2000). Contrariamente às sociedades tradicionais, onde o risco era compreendido como algo a evitar, é possível observar que na sociedade contemporânea ocidental começa a emergir um novo conceito de aventura, cujo significado está relacionado com a superação de situações arriscadas, sendo que o risco é percebido como um fim em si mesmo (Le Breton, 2000). A vivência de aventuras plenas de risco, permite, segundo Le Breton (2000), confirmar a existência, uma vez que se desafia a morte e se tem a oportunidade de certificar a vida. Neste sentido, pode desvelar-se uma razão ontológica para a prática do alpinismo, dado que através da mesma, os alpinistas sentem que realmente estão vivos. Também é possível entrever que os alpinistas percebem a sua actividade como forma de tornar a sua vida *distinta* quando afirmam que “quando estou na montanha corto com o quotidiano e quando isso acontece é como viver uma aventura. É algo que expande o nosso livro pessoal e temos oportunidade de ser os autores da nossa vida”(#11), ou, “chegar lá cima, a um sítio que seja o mais inacessível para todos, onde só poucos chegam...”(#3). De acordo com Bourdieu (1991), quando percebidas através de categorias sociais, as diferenças entre as actividades convertem-se em posições simbólicas, i.e., em sinais distintos. Assim sendo, escolhendo o alpinismo como prática diferente e diferenciadora, os alpinistas *diferenciam* a sua vida, tornando-a *distinta*. Logo, a prática desta actividade pode ser compreendida como uma forma de tornar a vida distinta, demonstrando gostos diferentes dos demais.

Risco e ciclo de vida

São os mais jovens que assumem um prazer aliado às situações de alto risco, sugerindo mesmo que “quanto mais arriscada for uma actividade que se realize com sucesso, maior é o prazer”(#16). São, pois, os mais novos que revelam ser importante viver como que um *flirt* com o perigo (Bratton *et al.*, 1979). Os alpinistas deste estudo reconhecem a sua atitude face ao risco, estando conscientes quanto à sua falta de experiência na sua juventude, a qual poderia ter gerado interpretações erróneas com consequências, eventualmente, graves, pois “quando se é mais jovem, fazem-se imprudências... Com 18 anos, sem nunca ter feito um curso de escalada, fazia vias que não sabia que grau eram”(#12). Parece haver uma tendência para se ser aventureiro quando se é jovem (Simmel, 1997), até porque este é um período de descoberta, sendo,

portanto, entre os mais novos que encontramos mais comportamentos de risco (Le Breton, 2000). Porém, há mudanças ao longo da vida, porque, entretanto, “com os anos tornamo-nos mais tranquilos” (#15). Adicionalmente, aqueles alpinistas que já são pais (p/ exp.) evitam situações de risco, dado que “tudo mudou. Compreendi que existe alguém muito frágil que precisa de mim” (#14).

Risco integridade física

Embora seja difícil precisar estatisticamente o número de mortes no alpinismo, nas expedições ao Everest, um em cada oito indivíduos morre (Ortner, 1997) e por cada quatro pessoas que atinjam com sucesso o cume do Everest, morre uma (Loewenstein, 1999). São dados que demonstram o risco real deste tipo de actividade. É provável, até, que não haja nenhum alpinista «himalaiano» que não tenha perdido um amigo num acidente de montanha (Ortner, 1997). Quase todos os alpinistas que estiveram no Everest têm «histórias» para contar: “Era uma expedição internacional, éramos quatro catalães e dois suíços, os dois suíços morreram!” (#11). Porém, esta não é uma razão para que deixem de continuar a fazer expedições aos Himalaias, pelo contrário, a morte de companheiros de expedição parece ser uma justificação para continuar a investida, dado que “a melhor homenagem que poderíamos fazer a duas pessoas como aquelas, que haviam perdido a vida por algo que não era tangível, era subir ao cume por elas!” (#11). Seria de esperar que este tipo de acontecimentos modificasse, ou pelo menos influenciasse as futuras expedições (Loewenstein *et al.*, 2001), no entanto, verifica-se uma contínua participação em determinadas actividades que possam tornar-se ainda mais perigosas, particularmente, para aqueles que já sofreram congelamentos. É como se os alpinistas não se lembrassem dos momentos penosos pelos quais passaram, o que, de certa forma, explica o facto de voltarem para mais «aventura» (Loewenstein, 1999). Embora os alpinistas mencionem algumas dificuldades e desconforto inerentes à sua actividade, tal como outros participantes em actividades caracterizadas pela existência de risco (Slinger e Rudestam, 1997), a maioria das narrativas realçam antes as boas experiências, “porque é mais forte a atracção que me oferece a montanha, do que estar no sofá com o comando à distância (...) temos que buscar o nosso espírito de liberdade” (#12). Mais do que isso, por vezes parecem não estar conscientes da sua real fraqueza, caso contrário não afirmariam que “um congelado, dificilmente se irá congelar duas vezes!” (#11), apesar da maior susceptibilidade a congelamentos mais severos nas expedições posteriores (Ward *et al.*, 2000).

Conclusão

Sem dúvida que o alpinismo ocorre num ambiente de risco do qual todos os alpinistas deste estudo têm perfeita consciência, sendo que frequentemente é vivido como um fim em si mesmo, dado que pode suscitar sensações agradáveis. Para além disso, o controlo do risco parece conferir uma sensação de poder sobre as circunstâncias e, conseqüentemente, uma sensação de controlo sobre a própria vida.

A prática desta actividade pode ser considerada como uma forma de tornar a vida distinta através da vivência de situações diferenciadas do quotidiano e díspares relativamente aos outros. Adicionalmente, a possibilidade de confronto real com a morte ou acidente afigura-se como uma forma simbólica de dar significado à existência. Não obstante, é de salientar que as sensações de prazer aliadas ao risco, parecem modificar-se ao longo da vida, não apenas pela experiência adquirida e pelo desejo de outras sensações, como também pelas responsabilidades advindas da fase do ciclo de vida, nomeadamente, tornar-se pai.

Referências bibliográficas

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bourdieu, P. (1980). *Le sens pratique*. Paris: Les editions de minuit.
- Bourdieu, P. (1991). 'First Lecture. Social Space and Symbolic Space: Introduction to Japanese Reading of *Distinction*', *Poetics Today* 12 (4): 627-638.

- Bratton, R., Kinnear, G., Koroluk, G. (1979). 'Why man climbs mountains', *Int. Rev. for Soc. of Sport* (2): 23-36.
- Breivik, G. (1996). 'Personality, sensation seeking and risk among Everest climbers', *Int. J. Sport Psychol.* 27: 308-320.
- De Léséleuc, E. (1997). 'Le plaisir du vide. Approche psychanalytique des relations aux vertiges chez les grappeurs et les alpinistes', *Corps et Culture* (2): 31-44.
- De Léséleuc, E. (1998). 'L'escalade contemporaine: goût du risk ou passion de la... lecture?' *Agora Debats Jeunesse* (11): 65-72.
- Elias, N., Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Fuster i Matute, J. (1988). *Risc I activitats físiques en el medi natural: efects de la pràctica sobre la resposta emocional*. Tesis Doctoral. Barcelona: Universitat de Barcelona.
- Ghiglione, R., Matalon, B. (1993). *O inquérito. Teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- Heimer, C. (1988). 'Social structure, psychology, and the estimation of risk', *Ann. Rev. Sociol.* 14: 491-519.
- Hornbein, T. (1996). 'The cost of 'high-poxia'', *Journal of Wilderness Medicine* (3): 234-236.
- Kiewa, J. (2001). 'Control over self and space in rockclimbing', *Journal of Leisure Research* 33 (4): 363-382.
- Kiewa, J. (2002). 'Traditional climbing: metaphor of resistance or metanarrative of oppression?' *Leisure Studies* 21: 145-161.
- Le Breton, D. (2000). *Passions du risque*. Paris: Éditions Métailié (éd. mise à jour).
- Loewenstein, G. (1999). 'Because it is there: the challenge of mountaineering', *Kyklos* 52 (3): 315-344.
- Loewenstein, G., Hsee, C., Weber, E., Welch, N. (2001). 'Risk as feelings', *Psychological Bulletin* 127 (2): 267-286.
- Lyng, S. (1990). 'Edgework: a social psychological analysis of voluntary risk taking', *AJS* 95 (4): 851-886.
- Natalier, K. (2001). 'Motorcyclists' interpretations of risk and hazard', *Journal of Sociology* 37 (1): 65-80.
- Ortner, S. (1997). 'Thick resistance: death and the cultural construction of agency in Himalayan mountaineering', *Representations* 59: 135-162.
- Simmel, G. (1997). *Simmel on Culture*. Ed. by D. Frisby & M. Featherstone. London: Sage Publications.
- Slanger, E., Rudestam, K. (1997). 'Motivation and Disinhibition in High Risk Sports: Sensation Seeking and Self-Efficacy', *Journal of Research in Personality* 31 (3): 355-374.
- Stranger, M. (1999). 'The aesthetics of risk', *Int. Rev. for Soc. of Sport* 34 (3): 265-276.
- Vala, J. (1986). 'A análise de conteúdo', In J. Madureira Pinto (Eds), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto, Edições Afrontamento: 101-128.
- Ward, M., Milledge, J. S., West, J. B. (2000). *High Altitude Medicine and Physiology*. New York: Oxford University Press Inc.
- Williams, T., Donnelly, P. (1985). 'Subcultural production, reproduction and transforming climbing', *Int. Rev. for Soc. of Sport* 20 (1-2): 3-17.